

## MAPEANDO CONTROVÉRSIAS PÚBLICAS RELIGIOSAS ENTRE ALFAEOMEGUENSES

### MAPPING PUBLIC RELIGIOUS CONTROVERSIES AMONG ALFAEOMEGUENSES

#### Resumo

Este trabalho se propõe a compreender alguns processos de disputas relacionados aos participantes do movimento Alfa e Ômega. Este grupo evangélico surgiu no Brasil há algumas décadas, na Universidade Federal da Bahia, atuando em prol da evangelização de universitários. Durante o ano de 2016, desenvolvi uma etnografia junto ao grupo, que é composto por jovens de diversas denominações evangélicas. Neste artigo, utilizei a concepção latouriana de grupos e anti-grupos, a fim de identificar algumas fronteiras desenhadas pelos alfaomeguenses e, em seguida, algumas controvérsias públicas. A primeira envolveu duas pessoas do movimento em uma disputa em torno do termo balada, colocando em questão a relação religião e cultura e, conseqüentemente, os limites da adaptação do grupo às práticas seculares com a finalidade de evangelizar. O segundo caso diz respeito à laicidade no espaço universitário. É em meio as controvérsias que os atores justificam suas posições, possibilitando o surgimento de formas de interpretar e agir frente aos problemas.

**Palavras-chaves:** Controvérsias. Laicidade. Universitários.

#### Abstract

The purpose of the text was to understand some dispute processes related to the participants of the Alfa e Ômega movement. This evangelical group appeared in Brazil a few decades ago, at the Universidade Federal da Bahia, working for the evangelization of university students. During the year 2016 I developed an ethnography with this group, it is composed of young people from different evangelical denominations. In this article I dealt with the Latourian conception of groups and anti-groups, in order to identify some boundaries drawing for to alfaomeguenses, finally some public controversies. The first involved two people from the movement, in a dispute over the term ballad, questioning the relationship between religion and culture, and the limits of the group's adaptation to secular practices for the purpose of evangelization. The second case about secularism in the university space. It is in the midst of controversies that the actors justify their posi-

---

<sup>1</sup> Licenciado e mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia. Professor da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão. E-mail: mardsonsoc@yahoo.com.br.

tions, at this moment we are better able to access ways of interpreting and acting in the face of problems.

**Keywords:** Controversies. Secularity. College students.

## **INTRODUÇÃO**

Conhecer o movimento Alfa e Ômega (AeO) foi algo inusitado, uma vez que, durante o período em que fazia graduação em ciências sociais, de 2011 a 2014, não soube de sua existência. Apenas ao final de 2015, quando reencontrei uma colega do ensino fundamental (ano de 2003), Quelle, e trocamos o contato do Facebook, visualizei em sua página uma postagem que dizia “A universidade é um campo missionário”. Fiquei impressionado, pois a universidade é um ambiente altamente secularizado. Isso me causou uma curiosidade sociológica por conta desta colega participar ativamente do movimento estudantil (ocupação de reitoria e diretoria do centro acadêmico), e ter uma militância de esquerda. Pesquisei sobre o movimento AeO e notei que tinha uma página no Facebook e um site.

Ao decidir pesquisar sobre o grupo AeO, perguntei a Quelle se havia possibilidade de acompanhar as atividades, pois estava interessado em realizar a pesquisa do mestrado sobre o movimento. Ela foi bastante receptiva, bem como os demais integrantes: penso que viram a possibilidade de divulgar o grupo, apresentar uma imagem positiva, uma forma de mostrar a heterogeneidade evangélica e diminuir o estigma acerca dos evangélicos. O meu trabalho de campo consistiu em acompanhar as atividades realizadas pelo movimento, cujos integrantes se reúnem em diversos espaços públicos, entretanto priorizei as práticas realizadas no contexto universitário.

Neste trabalho, pretendo contextualizar o grupo pesquisado, situar o seu estado de arte, reunir situações de disputas observadas durante o trabalho de campo, guiado por uma literatura da sociologia/antropologia da religião que tem utilizado a noção de controvérsia para entender fenômenos religiosos no espaço público. (MONTERO, 2015; GIUMBELLI, 2014; CAMURÇA, 2017)

## **JUVENTUDE EVANGÉLICA UNIVERSITÁRIA: EXPOSIÇÃO DO ESTADO DE ARTE**

O movimento Alfa e Ômega é composto por jovens, a maioria estudantes realizando sua primeira graduação, alguns estão na pós-graduação, outros em uma segunda graduação. Somente uma pessoa, durante a minha vivência no movimento, não pertencia à categoria juventude: Monara, estudante de saú-

de coletiva (segunda graduação), tinha dois filhos, acima de quarenta anos de idade. O público a ser alcançado pelos alfaomeguenses – como são chamados os participantes do grupo – são jovens universitários, inclusive isto faz parte da estratégia do movimento, o fato de ter experiências semelhantes e conviver com demais estudantes, os ajudam na realização da missão. A fim de compreender algumas questões que unificam estes jovens estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), podemos fazer referência ao encontro que houve na Escola de Belas Artes (EEBA), no campus do Canela. Ali estavam diversos jovens, em um bate-papo promovido pelo AeO, e notei que experimentavam realidades semelhantes, tais como: a angústia referente ao mercado de trabalho; o desejo de passar em um concurso público; o interesse em, daqui a alguns anos, se tornarem estabilizados financeiramente; o tempo gasto com redes sociais; a dificuldade de concentração; falta de tempo devido a precária mobilidade urbana de Salvador; o desejo de concluir a faculdade; e o cansaço referente às atividades da faculdade. Essas questões certamente variam quanto a intensidade de acordo com as diferenças de classe social, raça, gênero e território. Boa parte destes sujeitos, após experimentarem a rotina universitária e se envolverem com o grupo, sentem-se mais conectados com o AeO do que com suas igrejas (alguns ficam desigrejados<sup>2</sup>).

Figura 1 – Universidade como campo missionário



Fonte: Blog Alfa e Ômega.

2 Desigrejado é o termo êmico usado entre os evangélicos para dizer que não estão como membros (congregando) em nenhuma igreja. Este grupo é o que mais cresce entre os evangélicos, entre 2000 e 2010 teve crescimento de mais de 700%.

O primeiro estudo a abordar a temática da religião entre universitários foi o de Regina Novaes. O ponto de partida de Novaes (1994) era a representação do acadêmico em ciências sociais como fortemente influenciado pelo marxismo, cujo entendimento da religião se dava através da chave da alienação e da influência do relativismo antropológico. O resultado da pesquisa mostrou que 56% dos entrevistados tinham alguma religião e que, dentre os 44% sem-religião havia uma diversidade, sendo ateus e agnósticos a minoria. Segundo Novaes (1994), o perfil do estudante mudou. Entre as causas dessa mudança a autora aponta: motivação ético-política influenciada pela religião (teologia da libertação e demais correntes); e entrada de estudantes de baixa renda no curso.

A dissertação de Silva (2010) deu uma excelente contribuição acerca do levantamento bibliográfico sobre universitários e religião, com foco nos estudos produzidos no Brasil. O autor visualiza duas modalidades de pesquisa sobre o tema: uma representada por trabalhos que buscam entender os estudantes e suas respectivas trajetórias individuais, abordando a dimensão religiosa em relação a outras; e outra, mais recente e minoritária, que visa compreender os grupos religiosos que atuam nas universidades.

Entre os evangélicos temos a Aliança Bíblica Universitária (ABU), movimento interdenominacional e liderado pelos próprios participantes; entre os católicos, os Grupos de Oração Universitários (GOUs), ligados ao movimento de Renovação Católica Carismática (RCC) de caráter emocional e conservador, o que à primeira vista parece não se encaixar bem nas universidades. Porém os estudos mostram que os GOUs são bem integrados a lógica moderna da universidade: desenvolvimento científico, argumentação racional, preparação profissional. Observamos questões em comum entre as juventudes cristãs universitárias nas pesquisas sobre grupos católicos (SILVA, 2010) e o movimento evangélico Núcleo de Vida Cristã (NVC), da Universidade de Brasília. (ROCHA, 2011) Em ambos os movimentos, os participantes relatam que outrora estavam isolados e enfraquecidos na fé, porém, ao conhecer o movimento, passaram a ter amigos e retomaram as experiências religiosas.

Apesar dos grupos evangélicos universitários existirem no Brasil há mais de 50 anos, nos deparamos com uma carência bibliográfica. Quase todo material foi produzido a partir de 2010 (COSTA, 2013; COSTA, 2018; LOPES, 2015; MENEZES, 2014; ROCHA, 2011; SILVA, 2010), exceto os trabalhos de Quadros (1998) e Freston (1994). Um dos motivos da produção nos últimos anos é o crescimento do número de evangélicos no Brasil, que saiu de 6% da população brasileira, em 1990, para 20% em 2010. (MARIANO, 2013) Esse aumento também se fez presente nas universidades, devido à ampliação de vagas no ensino superior e ao

aumento da renda entre os evangélicos. (CARREIRO, 2017) Conseqüentemente, isso desencadeou uma multiplicação de movimentos evangélicos universitários, tanto nas universidades públicas, quanto nas particulares. O caso do Alfa e Ômega na Bahia pode ser tomado como exemplo: há 15 anos, o movimento surgiu na UFBA e, atualmente, pode ser encontrado em diversas faculdades públicas e particulares.

Parte dos(as) pesquisadores(as) que estão estudando este fenômeno são pessoas ligadas a estes movimentos religiosos (COSTA, 2013; COSTA, 2018; MENEZES, 2014), interessados tanto na produção de um conhecimento que seja útil para o grupo, quanto em entender como os movimentos e jovens relacionam os saberes acadêmicos e religiosos – pressupondo a possibilidade de entendê-los como complementares.

## **CONTROVÉRSIAS PÚBLICAS COMO POSSIBILIDADE DE ENTRADA EMPÍRICA**

Paula Montero (2015) mostra o redirecionamento do debate em relação ao espaço público brasileiro na década de 1990, após a Constituição Federal de 1988, a especificidade do secularismo brasileiro e os deslocamentos do debate nas ciências sociais: da nacionalidade para a cidadania, do sincretismo para a inclusão. Enquanto na França, a resolução dos problemas públicos referente à religião foi via privatização, no Brasil desenvolveu-se um pluralismo acompanhado de confronto: “desde o primeiro momento interessava-nos compreender a formação e a configuração recente do espaço público na sociedade brasileira e o relevante papel dos agenciamentos religiosos nessa construção”. (MONTERO, 2015) A autora deixa claro que existem duas maneiras de enxergar as controvérsias: como um meio para revelar relações de forças, posições institucionais, redes sociais dificilmente acessíveis a observação direta; ou como objeto privilegiado da investigação.

Latour (2012) é uma das inspirações de Paula Montero, o autor é parte de um grupo de pesquisadores franceses que estão utilizando as controvérsias como entrada empírica. Na obra *Reagregando o social* (LATOURE, 2012), o autor propõe tratar o social como algo que precisa ser explicado e não enquanto fonte de explicação. É fundamental que o pesquisador siga os rastros dos atores e faça o mapeamento das controvérsias, a fim de compreender as coisas que se estabilizaram e as estáveis. Latour (2012) pretende estudar os grupos enquanto formações de grupos, uma vez que para surgirem e continuarem existindo exige trabalho de diversos atores. Latour afirma que para delinear um grupo é neces-

sário haver porta-vozes e cada grupo é compreendido como produto provisório e ambiente de coexistência de vozes contraditórias. Na definição das fronteiras dos grupos, emergem os anti-grupos.

Conforme Latour, a sociologia crítica parte de uma assimetria entre o ator (praticante) e o sociólogo: o primeiro é visto como mero informante e míope (só enxerga partes da realidade), enquanto o sociólogo enxerga o todo, observa de cima e é reflexivo. Contrária a essa divisão, a sociologia latouriana propõe igualdade entre atores e analistas. Entre os porta-vozes de um grupo existem diversos atores, entre eles, cientistas sociais, jornalistas e estatísticos.

*O que eu vejo é quando as pessoas começam, as neopentecostais principalmente, quando elas começam a frequentar o Alfa e Ômega e começam a ter uma nova visão no sentido real do Evangelho, elas começam a fazer que nem eu: se afasta da igreja delas e procuram outras.*

*Mas a gente não coloca por causa da compreensão de que ela não é bíblica. Eu acredito que os próprios alfaomeguenses, até por causa do ambiente, mesmo que sejam de igrejas assim, talvez eles não deem tanta ênfase ou podem até ser críticos. Eu conheci algumas pessoas que eram dessas igrejas e que mudaram radicalmente por causa do movimento! [...] Quando eu conversei sobre perspectivas teológicas particulares no meu grupo discipulado “gente, não acreditem no que André está falando porque estou dizendo. Vão lá na Bíblia e confirmem se é isso mesmo que tá sendo ensinado. Se o que André está falando aqui está em conformidade com o que está escrito lá, vocês adotam porque não fui eu quem disse”. Ninguém tem o direito de seguir minha opinião. (Val, 2016)*

*Como é que funciona? A pessoa entra no movimento e passa pelo grupo do discipulado? (Pesquisador)*

*O movimento tem uma ênfase na formação de lideranças. Então a ideia de um pequeno grupo é fazer com que os novos estudantes cresçam nos seus relacionamentos com Deus, criem amizades sólidas, e sejam habilitados para futuramente talvez serem líderes do movimento quando os que estão liderando eles saírem. Isso envolve toda prática do movimento. É muito importante no Alfa e Ômega. O movimento é dinâmico e precisa de muita rotatividade, de multiplicação de líderes. (André, 2016)*

Esses dois relatos têm em comum a resistência a Teologia da Prosperidade. A preocupação quanto a esta corrente teológica se manifesta em duas situações: o afastamento dos neopentecostais de suas igrejas, quando começam a participar do movimento; e durante o treinamento para formação de novas lideranças. O primeiro anti-grupo mapeado pelo AeO é a teologia da prosperidade, este mesmo enquadramento é realizado pela Aliança Bíblica Universitária

do Brasil, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). (LOPES, 2015) O grupo é pouco permeável à teologia da prosperidade por considerá-la sem embasamento bíblico, justificável apenas do ponto de vista filosófico. A posição do grupo é que quem defende esta corrente não enxerga a Bíblia como suficiente, e se posiciona de tal forma devido à ausência de um estudo sistemático.

*Teve um menino que a gente teve uma pequena discussão, a gente tava no “pacto de matrícula”. Ele ficou sentado um tempão e depois desse tempo todo ele se levantou e veio falar com a gente e perguntou “você são do AeO?” “Sim, por quê?” “Porque tenho uma amiga da Faculdade Social e faço Educação Física lá e tem AeO.” [Essa] foi uma das primeiras faculdades particulares a ter o movimento. E eu “ah, é Amanda, conheço ela.” “É Amanda mesmo, ela falou que vocês iam tá aqui hoje, iam fazer uma dinâmica e que queria ver. Fiquei observando e tenho umas dúvidas.” “Pode perguntar.” E ele falou “quem é o pastor?” “A gente não tem pastor.” “Não tem pastor? De que igreja o movimento faz parte?” “Nenhuma igreja.” “E dá certo?” “Dá, dá muito certo. Tanto que alguém falou pra você.” “E como vocês combatem as here-sias? Porque têm uns cristãos que acham que isso é heresia, outros cristãos que não acham.” “Depende muito da sua história, da sua igreja, mas a gente aqui convive com todo mundo, o que não é comum a gente não debate não. Se quiser debater, debate em relação pessoal e não coloca o movimento no meio.” “Tá bom... mas vocês não ficam preocupados se tiver alguém do G12 aqui? Algum neopentecostal?” E eu falei “rapaz, era você quem devia ter medo de criticar coisas que talvez você nem conhece, com pessoas que você nem conhece.” E uma menina falou “sou da Internacional da Graça.” E eu falei “minha igreja aplica o G12”. (Rafael, 2016)*

Esta narrativa revela o combate ao denominacionalismo, em que os atores se empenham constantemente na construção de vivências interdenominacionais. Numa reunião que participei, uma integrante do movimento ao narrar a sua primeira participação em um acampamento do AeO diz ter se espantado por conta do desinteresse do movimento em relação a placa de igreja (denominação evangélica) das pessoas que participavam daquelas atividades. Apesar de existir um direcionamento em prol dos alfaomeguenses frequentarem uma igreja, não há uma definição sobre qual deve ser a denominação, embora haja uma valorização de determinadas correntes teológicas e práticas religiosas. Nos últimos anos, o grupo tem realizado esforços para garantir a pluralidade teológica e denominacional, sobretudo via inclusão dos pentecostais no movimento.

Em diálogos com membros do AeO, notei que consideram a ABU um grupo fechado, nesta direção emerge outro anti-grupo. Observa-se que a ABU não demonstra interesse em participar de atividades juntamente com o AeO,

nem atende aos convites às reuniões do AeO. Outra discordância é quanto ao fato das reuniões ocorrerem em formato de estudos bíblicos, o que pode gerar um desconforto para os não cristãos. Uma terceira diferença é quanto à afirmação de que somente evangélicos participem das reuniões.

Esta visão sobre a ABUB deve estar associada a estilos distintos de evangelismo. Enquanto o AeO busca ir até as pessoas, entregar panfletos, promover diversas atividades de aproximação para divulgar a mensagem evangélica, a ABUB prioriza a conversa diária com pessoas que estão próximas aos membros do grupo.

## **EVANGÉLICOS E RELAÇÕES COM A CULTURA: FESTA X BALADA**

*Teve um caso muito recente com Rafael. Quando eu entrei, a gente era bem próximo, continua próximo, aliás, a gente teve uma discussão, coisa bem simples, não tem a ver com algo fundamental, mas com uma coisa diversa. Vou dizer com modéstia que eu não tava entendendo o lado dele e ele não tava entendendo o meu lado, porque na verdade eu tava entendendo o lado dele com certa resistência, a gente tinha falado sobre isso, acabamos falando de novo, e ele não queria mais falar que foi sobre a questão de “balada”. Na cabeça de Rafael, balada é festa. Uma festinha qualquer. Na minha cabeça, balada tem ligação muito estreita com curtidão, adoração e bebida. E a maioria da população de Salvador entenderia a minha visão de balada. E a nossa discussão foi meio que em torno disso. Eu disse “pra que a gente evite algum escândalo das pessoas que não entendem essa ideia de balada como sendo festa, é melhor evitar balada como sinônimo de festa”. Se você falasse “vou fazer uma festa”. Pra mim seria tranquilo, de boa. Uma festa com uma musiquinha, comida, bebida... tranquilo, é o que eles fazem. Mas ele não queria ceder, ele queria que o nome fosse “balada”. Então a gente criou uma discussão em relação a isso que acabou sendo desnecessária. Mas depois a gente foi conversar pessoalmente e eu falei pra ele o que [me] ofendeu. E ele falou pra mim o que ofendeu ele. E aí falei “quero te pedir perdão por isso, por isso e por isso”, naquilo que eu tinha ofendido ele e ele também me pediu perdão. A grande questão aí não era quem estava certo ou não. A grande questão é: a gente quer ser diferente nisso e isso não é essencial. Então você pode ficar com a sua e respeitar a minha decisão. E eu queria respeitar a posição dele, embora eu ainda ache muito perigosa. Você coloca outras palavras e isso traz uma perspectiva diferente pra muitas pessoas. Mas é minha posição e não quero que ele adote essa posição porque é uma coisa de diversidade. A gente continua amigo e talvez até melhor porque essas conversas, essas discussões nos ajudam a crescer, ter maturidade em falar pro outro “eu erre”, quando me expressei mal, fui arrogante, isso traz amadurecimento pessoal. (Diego, estudante de engenharia, 2016)*

A controvérsia em torno dos termos festa e balada se instaurou em uma situação que Rafael utilizou o termo balada, a fim de convidar as pessoas para uma atividade que seria realizada pelos alfaomeguenses. Diego preferia o termo festa e não concordou com a palavra balada, pois defendia que o público iria associá-la com adoração, curtidão e bebida. Rafael não via problemas com o termo, já que compreendia o uso como sinônimo de festa. Duas questões se desdobram desta situação: relações entre religião e cultura; e adaptação cultural para evangelização.

Rafael considera os evangélicos como parte da cultura, compreendendo de forma mais fluida estas relações. Os seus pais eram os mais liberais da congregação Quadrangular (uma das igrejas mais liberais entre as pentecostais), isso teve influência na maneira pela qual ele e seu irmão foram criados. Aos onze anos de idade, assistiu ao filme Harry Potter, que fez muito sucesso entre crianças e adolescentes. Rafael, juntamente com outras crianças da igreja, tinha interesse em ir ao cinema. Enquanto os pais de todos os seus amigos da igreja não os permitiam assistir ao filme, com o seguinte argumento “Ah, um bruxo! E a Bíblia condena bruxaria!”; sua mãe e seu pai permitiram, tinham certeza de que ele sabia que o filme do bruxo era apenas ficção. Outra questão apresentada por Rafael, referente aos filmes da Disney, enquanto seus pais compravam as fitas e permitiam que assistisse, as demais famílias não autorizavam, argumentando que as mensagens subliminares iriam gerar abertura para o Diabo participar da vida deles.

Rafael afirma que ter contato com estes filmes o ajudou a lidar com a cultura, inclusive compara esse processo à prática de por a criança descalça em contato com o chão, que, supostamente, teria um efeito no desenvolvimento dos anticorpos. Outra situação vivida por Rafael foram as festas juninas na Igreja Quadrangular. Antigamente, ele explica, a Igreja do Evangelho Quadrangular não promovia festas juninas e orientava seus congregados a não participarem desses festejos por considerá-los relacionados aos santos católicos.

Atualmente, fazem festas juninas na igreja, que passaram a ser entendidas como parte da cultura e não da religião. Houve, assim, um processo de desculturação.<sup>3</sup> Outra questão que não foi apresentada de forma explícita pelos sujeitos envolvidos na controvérsia, porém que de alguma forma estava presente, diz respeito à utilização do termo balada como uma forma de tornar a mensa-

---

<sup>3</sup> A expressão desculturação foi utilizada por Silva (2018), a fim de classificar a relação entre o movimento negro evangélico com a cultura negra. Enquanto o processo de patrimonialização da cultura negra era centrado nas práticas religiosas, o movimento evangélico queria construir uma identidade étnica sem considerar as práticas religiosas afro-brasileiras.

gem do AeO mais atrativa para uma pessoa não evangélica: nesse sentido Rafael está muito afinado com o movimento AeO e demais instituições paraeclesialísticas (ROCHA, 2011; SILVA, 2010; SILVA, 2017) em relação a sua plasticidade.

Diego viveu a sua infância e adolescência na mesma denominação que Rafael, porém em Valença, interior da Bahia. Durante a ida para Salvador e experiência universitária (especialmente a vivência no AeO), ele passou a circular por outras igrejas evangélicas e adquirir novos conhecimentos teológicos, o que certamente teve diversas influências na sua forma de enxergar as relações entre religião e cultura. Uma das igrejas que frequentou foi a Herança Puritana, que, entretanto, considerou radical quanto à liturgia. A outra foi a Batista Regular, da qual se tornou membro e atua como pastor auxiliar. Diego diverge de Rafael quanto ao uso do termo balada e enxerga problemas éticos, pois vê a palavra relacionada a práticas contrárias ao cristianismo. Neste momento, Diego desenha uma fronteira entre religião e cultura.

Esta posição coaduna com a formulação “religião como solvente”, construída por Pierucci (2006) sobre a mudança do cenário religioso brasileiro das últimas décadas: diminuição dos fiéis na Umbanda e crescimento dos evangélicos. Um dos principais argumentos do texto (PIERUCCI, 2006) é que a conversão proposta pelos protestantes, de forte apelo individualista, não combina com apego étnico. Conversão está ligada a rompimento radical com a vida anterior, uma espécie de renascimento (PIERUCCI, 2006) O autor extrai de Weber (1974) a categoria religião congregacional de salvação, a qual pretende criar uma nova comunidade social e gerar desenraizamento, rompimento com toda vida anterior, seja religiosa ou extrarreligiosa. Weber (1974) argumenta que este tipo de religiosidade pode gerar conflitos com a comunidade natural (clã).

A tese de Pierucci é que a religião congregacional de salvação funciona como solvente. Esta explicação foi extraída da sociologia weberiana, pois, para Weber, a religião é uma fonte dinâmica de mudança social. A posição de Diego demonstra uma ausência de alinhamento com a plasticidade apresentada pelo AeO, sobretudo em relação a práticas de evangelização.

O modo utilizado para lidar com esta disputa foi considerá-la como coisa da diversidade, relacionada a questões de multiplicidades de interpretações bíblicas. Pois, dentro do movimento, as polêmicas são divididas em duas categorias: coisa da diversidade, coisas essenciais. A maioria das polêmicas dizem respeito a questões da diversidade.

## **LAICIDADE E UNIVERSIDADE: PERCEPÇÕES DE PARTICIPANTES DO AEO/UFBA E DEMAIS MEMBROS DA COMUNIDADE ACADÊMICA**

Neste tópico, serão apresentadas as laicidades em disputa, como este dispositivo emerge da fala dos atores. A análise exhibe os seguintes aspectos: casos em que a laicidade é acionada (CAMURÇA, 2017; GIUMBELLI, 2014; ROCHA, 2011); o que ela significa; a que concepção ela está se opondo; a existência ou não de diferentes visões de laicidade no grupo. Além disso, explorar-se-á sentidos de laicidade dos movimentos evangélicos universitários na Universidade de Brasília (UNB) e na UFRGS, para compará-los a esta pesquisa.

Nesses confrontos e debates, grupos laicos e religiosos têm acionado e concebido divergentes sentidos de laicidade. Os primeiros tendem a defender, nos diferentes fóruns em que atuam, versões mais ou menos próximas do modelo (dito combativo) proposto pela tradição republicana francesa – que inspirou diversos processos de laicização na América Latina –, que zela pelo caráter laico do ensino público, pela rigorosa separação entre Estado e igrejas e pela restrição à participação e à influência de autoridades e grupos religiosos na esfera pública. Já os últimos tendem a reinterpretá-lo de modo lato, visando legitimar a ocupação religiosa do espaço público e da esfera pública, mas mantendo estrategicamente a referência discursiva, o respeito e certa reverência ao arranjo jurídico-político da laicidade estatal, até como recurso discursivo e legalista para garantir a legitimidade de sua própria intervenção no debate político. (MARIANO, 2011 p. 253)

É necessário problematizar a clivagem: laicos x religiosos. Esta divisão é utilizada por Mariano (2012), apesar de redigir uma nota de rodapé afirmando que esta separação “não é simples”. Esta dicotomia indica uma incompatibilidade entre religiosidade e laicidade. Parece ser mais produtivo acompanhar empiricamente como grupo/agente religioso/secular se coloca no espaço público, de que forma a laicidade é acionada nas situações, este foi o modo utilizado nesta pesquisa, cuja inspiração se deu através das pesquisas desenvolvidas por Giumbelli (2013, 2014). Estudos empíricos realizados por Giumbelli (2014) demonstram que há uma diversidade muito maior de posicionamentos de laicidade, o que torna reducionista a clivagem desenvolvida por Mariano.

No caso do Hospital Conceição, em Porto Alegre, sacerdotes católicos apelavam para manutenção do espaço com as imagens religiosas católicas mediante dois argumentos: o catolicismo faz parte da construção da nacionalidade

brasileira; a retirada das imagens inviabilizaria o culto católico. Neste caso verificamos que os religiosos não se apresentaram no espaço público contrários à laicidade, nem argumentaram apenas utilizando justificativa religiosa.

A primeira questão dos líderes católicos foi associar o catolicismo à nação, o que produz um deslocamento do catolicismo da religião para a cultura. Outro grupo que se colocou no debate foram os militantes da laicidade, dentre eles a Rede Ibero-Americana de Liberdades Laicas. A direção do hospital acionou o Grupo de Diálogo Inter-religioso de Porto Alegre (DIR-POA), grupo composto por líderes de diversas religiões, a fim de contribuir na construção de um espaço ecumênico. O DIR-POA não apresentou solução para o problema, todavia defendeu a necessidade de reconhecimento da laicidade do Estado brasileiro e um espaço que contemple todos os religiosos. Outro agente que participou desta controvérsia foi o Ministério Público, que, ao ser acionado, escutou os atores envolvidos e observou as soluções adotadas em outros espaços públicos.

Frente a esta demanda, o Ministério Público recomendou a construção de uma nova sala, em que apenas uma das paredes não teria imagens religiosas, além de possuir um armário para guardar os objetos religiosos caso não estejam sendo utilizados. Duas questões aparecem neste cenário e perpassam as análises dos sentidos de laicidade relacionados a diversos atores no Brasil contemporâneo: esforço de descatholicização; emergência de novos atores/grupos e multiplicação referente aos significados de laicidade. Giumbelli (2014) tem como objetivo compreender a definição e gestão da religião no espaço público. Além disso busca perceber a pluralidade de entendimentos sobre a laicidade, descrever os posicionamentos dos atores sobre laicidade e como os espaços sociais se configuram. Nesta reflexão de Giumbelli (2014), encontramos diversas formas de construir um ambiente laico, pois as configurações de laicidade são distintas nos espaços públicos de Porto Alegre (hospitais, aeroporto e shopping). Esses espaços construíram um ambiente religioso específico, entretanto variam de acordo com a existência ou não de imagens religiosas, e permissão ou não de celebrações nos locais.

*“Você tá numa universidade laica, não ateia”*

*Tinha gente que não ligava pra religião e tinha gente que ficava incomodada e comecei a ver isso com o professor de “Produção de Teorias Econômicas”, que era ateu militante, mega de esquerda, uma esquerda maluca, que sabia matemática e criticava a esquerda maluca. O sonho dele era o comunismo. Ele era da nata da esquerda, fez mestrado na Unicamp [Universidade Estadual de Campinas] – um antro da esquerda e tal... ele, ainda no primeiro semestre, começou a falar de religião de uma forma muito desrespeitosa. Por*

*exemplo... vamos pegar uma empresa, a Igreja Universal. Eu não era da Universal, mas era a religião de alguém, velho!  
Ele só fez militar de graça na sala! Acho um absurdo, você tá numa universidade laica, não ateia, ele não tem o direito de chegar numa sala e fazer isso. Se ele fizesse isso com qualquer religião, eu desaprovava, isso é um absurdo. Os meninos começaram a rir, e pior, apontar pra mim. (Rafael, economista e estudante de administração, 2016)*

Rafael vivenciou experiências com professores do curso de economia, as quais considerou inadequadas, argumentando que feria a laicidade da universidade pública. Rafael aciona a laicidade para se opor ao que denomina ateísmo militante, pois em ambas as situações acusou a fala dos professores de terem sido totalmente desconectadas dos conteúdos das disciplinas “Setor Público” e “Produção de Teorias Econômicas”. O primeiro caso diz respeito a um professor com visão de esquerda, com mestrado recém-concluído na Unicamp, menos de 30 anos e professor substituto do departamento de economia. Este professor frequentemente comparava a Igreja Universal a uma empresa, além de outros posicionamentos que Rafael considerava desrespeitosos, como fazer diversas piadas sobre religiosos, especialmente cristãos evangélicos. Segundo Rafael, as piadas eram tão grosseiras que os colegas da turma concordavam quanto ao teor ofensivo das falas, inclusive incentivavam que Rafael fosse conversar para ver se o professor diminuía as ofensas. Porém, mesmo tendo coragem de ir até o professor e dizer o que o incomodava, não houve mudanças, então, alguns colegas sugeriram formalizar uma reclamação junto ao coordenador do departamento, entretanto Rafael não acreditava na possibilidade de isso modificar a postura do professor.

A avaliação de Rafael é que duas coisas motivaram a postura deste professor. A primeira era a imagem sustentada junto aos seus alunos: um professor jovem e descolado, como um professor de cursinho pré-vestibular, saía com os alunos para bares e mantinha um clima descontraído com a turma. A segunda está relacionada à convivência familiar: oriundo de uma família evangélica, sofreu com doutrinação religiosa. Atualmente, toda a sua família é evangélica, apenas ele não faz parte do grupo.

Outro caso narrado por Rafael foi o de um professor de “Economia do Setor Público”. No primeiro dia de aula, o professor iniciou com a interpretação de um texto bíblico, do livro de Gênesis, especificamente a história de Ló e expôs o primeiro caso de incesto descrito na Bíblia. Em seguida, afirmou a existência de uma contradição bíblica, pois o mesmo livro que condena o incesto, mostra o

caso de Ló. Segundo Rafael, a leitura foi descontextualizada, não tendo apresentado as consequências negativas narradas pelo texto bíblico.

*“A faculdade é laica. Não se pode fazer esse tipo de reunião aqui”  
Algumas pessoas do A&O tiveram a oportunidade, quando se estava abrindo o núcleo do A&O numa universidade particular, a diretoria da faculdade dizia “a faculdade é laica. Não se pode fazer esse tipo de reunião aqui”. E algumas pessoas do grupo argumentaram em cima da laicidade da universidade pra poder fazer a reunião ali. Então fica aquela ideia de que Estado laico é Estado ateu. Não pode ter diversidade de religião ou de expressão lá, quando de fato pode e deve ter a liberdade de expressão que faz parte da propagação do conhecimento. (Diego, estudante de engenharia, 2016)*

O movimento AeO surgiu na UFBA, e, em seguida, se expandiu para outras faculdades na Bahia, particulares e públicas. Este evento citado por Diego é interessante, pois revela a laicidade envolvida em uma controvérsia pública em uma faculdade particular. Ao iniciar um núcleo do movimento nesta faculdade, os membros do AeO solicitaram à diretora que eles pudessem se reunir. A resposta a princípio foi negativa, e a diretora argumentou nos termos da laicidade da universidade. Os alfaomeguenses defenderam que se a faculdade é laica, então poderia autorizar o grupo a fazer as reuniões lá. Segundo Diego, enquanto a diretora interpreta o Estado laico como ateu, o AeO compreende quanto à possibilidade de exercer a liberdade de expressão e garantir a tolerância religiosa. A visão de Diego sobre a universidade é que ela deve ter espaço para todos os pontos de vista, desde que estes sejam apresentados de forma racional, quando isso não ocorre, gera intolerância.

Na UNB, o movimento evangélico NVC, se envolveu em situação semelhante. (ROCHA, 2011) Dentre as formas de resistência enfrentadas pelo grupo, Rocha (2011) cita a posição de diversos estudantes universitários que fazem a seguinte afirmação “Universidade não é lugar de religião, mas sim de ciência”. (ROCHA, 2011) Os estudantes se posicionavam nas redes sociais e de forma presencial, embasando sua posição contrária ao NVC, em defesa da laicidade. O movimento NVC, por sua vez defendia a laicidade da universidade, porém não a considerava incompatível com a manifestação de fé de um grupo em seu espaço. Lopes e Weiss (2016) perceberam que a UFRGS tem uma laicidade interacional, vista como uma forma de garantir tolerância e pluralismo. Este tipo de laicidade não visa a privatização da religião, mas sim a possibilidade de exercer a liberdade individual, contudo resiste ao proselitismo religioso.

## Espaço universitário: pluralidade x discurso único

*A universidade, especialmente... na verdade isso é muito recente... a universidade se mostra como um ambiente plural, onde todas as ideias – em tese – são permitidas, respeitadas, toleradas, existe um discurso de que deve se respeitar todas as coisas, mas na prática não é assim que funciona. Na prática, os discursos que são tolerados, normalmente param quando o assunto é cristianismo. Por que o cristianismo tem uma moral muito definida... (André, doutorando em química, 2016)*

André, doutorando em química na UFBA, é participante do movimento há mais de dez anos. Segundo o alfaomeguense, essa mentalidade vem sendo construída nos últimos duzentos anos da sociedade Ocidental, como resultado da contribuição dos teóricos da Escola de Frankfurt. Atualmente, André afirma ter ocorrido um crescimento da hostilidade entre cristãos e universidades, devido às discordâncias dos cristãos com o marxismo cultural (segundo André, corrente que detém a hegemonia nas universidades), processo que ele compreende como uma “quebra de política de vizinhança”.

Rocha (2011) notou pela fala de enevicistas (membro do NVC) o fato de seus argumentos algumas vezes não terem legitimidade por pertencerem ao cristianismo. Uma estudante de direito e enevicista estava participando de um debate em sala de aula sobre drogas lícitas e ilícitas. O professor que estava mediando a discussão perguntou se os alunos bebiam e quais as razões para beberem ou não. Ao considerar a resposta de uma estudante de que ela não bebia porque era cristã, o professor disse que o argumento não tinha validade, pois estava baseado na religião, fazendo com que a moça chorasse em sala de aula. Embora Rocha não forneça mais detalhes sobre a resposta da enevicista quanto à situação relatada, é perceptível que para o professor argumentos com base religiosa ou proferidos por religiosos (especialmente cristãos evangélicos) não têm validade no espaço público.

Lopes e Weiss (2016) apontam três momentos da universidade no Ocidente: origem, regida pela moral católica; modernidade, com forte influência do iluminismo e oposição à religião; pós-secular, a universidade não utiliza apenas a base moderna para sustentar sua moral. Essas mudanças podem afetar a prática científica e as relações entre membros da comunidade acadêmica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender a atuação do movimento evangélico AeO na UFBA, em Salvador. A questão surgiu por conta do interesse em acompanhar as práticas do grupo no contexto universitário, cujo espaço é altamente secularizado. O AeO surgiu fora do Brasil, há mais de 50 anos, e na UFBA, primeira universidade da Bahia a receber o movimento, tem cerca de 16 anos de existência. Em 2016, o AeO já havia se expandido por diversas universidades públicas e privadas, inclusive nas cidades do interior do estado.

Ao longo desta convivência com os alfaomeguenses, notei alguns processos de disputa. O primeiro envolveu dois participantes do movimento, em uma disputa em torno das relações entre religião e cultura, esta tomou forma em um debate quanto a pertinência acerca da utilização do termo balada em referência a uma festa, que seria promovida pelo AeO. Este fenômeno se desdobra em duas questões, que a bibliografia (COSTA, 2018; SARAGOÇA, 2003) vem apontando acerca dos grupos evangélicos: tanto no contexto universitário, quanto em outros espaços. O primeiro é sobre a plasticidade das organizações paraeclesiásticas, especialmente quanto à diversidade de posições, que gira em torno das fronteiras culturais com o mundo. De modo geral, essas organizações têm utilizado um conjunto de práticas seculares e incorporado em seu repertório. Outro desdobramento é o processo de desculturação. Este termo foi apresentado por Silva (2017), ao identificar práticas adotadas por evangélicos de esvaziamento das influências religiosas em determinados fenômenos da cultura brasileira. Podemos exemplificar com as práticas da capoeira gospel, festas juninas gospel, bolinho de Jesus. Rafael, membro do AeO, faz isso ao ressignificar as festas juninas e analisar as esculturas dos Orixás no Dique como símbolos de uma cultura afro-brasileira.

A segunda controvérsia envolveu os sentidos da laicidade (GIUMBELLI, 2013, 2014). Nessa seção, discuti alguns dos usos da palavra laicidade em situações narradas pelos membros do grupo, transcorridas em diferentes espaços sociais e envolvendo um público heterogêneo: universitários, diretores de universidades, evangélicos, não evangélicos. Seguir as trilhas metodológicas apontadas por Giumbelli (2013, 2014) ofereceu possibilidades de investigar os usos da laicidade além da dicotomia laicos X religiosos.

Nos últimos anos, a noção de controvérsia oriunda da sociologia francesa tem sido empregada em estudos de sociologia e antropologia da religião. Trata-se de uma ferramenta teórica-metodológica que contribui para observarmos os fenômenos sociais, tomando o confronto como objeto privilegiado. (LATOURETTE, 2008)

2012; MONTERO, 2015) É em meio as controvérsias que os atores justificam suas posições, e neste momento temos mais condições de acessar formas de interpretar e agir frente aos problemas. Montero (2015) entende que estas disputas manifestam singularidades dos atores e produz o espaço público, e cabe ao sociólogo identificar e descrever esses processos. Estas análises agregam aos estudos sobre evangélicos por perseguir empiricamente como agentes provenientes de diversas denominações se relacionam ao atuarem em grupo (organização interdenominacional).

O crescimento do número de evangélicos nas universidades devido as políticas públicas de acesso ao ensino superior nos últimos anos propiciou a ampliação dos movimentos já existentes nas universidades, além de gerar a criação de outros grupos. Este fenômeno tem relação com o crescimento e fortalecimento dos evangélicos no espaço público brasileiro: na política partidária, mídias, periferias. (CARREIRO, 2017; GIUMBELLI, 2014) Todavia este crescimento numérico e as formas de inserção pública dos evangélicos não pode ser compreendido como parte de um grande projeto, formulado por lideranças religiosas com o objetivo de conquistar poder e tornar a sociedade culturalmente evangélica. É necessário considerar a diversidade existente entre os evangélicos, além das formas distintas de atuação destes atores no espaço público, que podem variar de acordo com a denominação, organização interdenominacional e o espaço social em que atuam.

## REFERÊNCIAS

- CAMURÇA, M. A. A questão da laicidade no Brasil: mosaico de configurações e arena de controvérsias. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n. 47, p. 855-886, 2017.
- CARREIRO, G. S. *Evangélicos urbanos do Brasil*. São Luís: Edufma, 2017.
- COSTA, K. A. R. *Jovens universitários evangélicos: trajetórias religiosas de estudantes da Aliança Bíblica Universitária do Brasil*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.
- COSTA, M. J. *A participação do universitário evangélicos brasileiro na Missio Dei: a propagação do evangelho para a transformação da sociedade*. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2013.
- GIUMBELLI, E. *Símbolos religiosos em controvérsias*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.
- GIUMBELLI, E. Para estudar a laicidade, procure o religioso. In: BÉLIVEAU, V. G.; GIUMBELLI, E. (org.). *Religião, cultura e política en las sociedades del siglo XXI*. Buenos Aires: Biblos, 2013. p. 43-68.

LATOURE, B. *Regregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*. Bauru, SP; Salvador, BA: Edusc; Edufba, 2012.

LOPES, R. C. *A situação da religião com relação a universidade laica: uma análise a partir da perspectiva dos atores*. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LOPES, R. O grupo artificial em um ambiente desfavorável (ou não favorável): etnografia de um grupo de discussão de religião em uma universidade com forte tradição laicista. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 16, n. 28, p. 99-123, 2015.

LOPES, R. C.; WEISS, R. A. Uma “laicidade interacional”? Norma constitucional e expressão religiosa em uma universidade pública do Brasil. *Século XXI: Revista de ciências sociais*, v. 6, n. 1, p. 145-181, 2016.

MARIANO, R. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 11, n. 2, p. 238-258, 2011.

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, 2013.

MONTERO, P. *Religiões e controvérsias públicas: experiências, práticas sociais e discursos*. São Paulo: Terceiro Nome; Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

NOVAES, R. R. (1994), Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. *Comunicações do ISEER*, Rio de Janeiro, n 45, p. 62-74, 1994.

PIERUCCI, A. F. O. Religião como solvente, uma aula. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 75, p. 111-127, 2006.

ROCHA, R. C. *Projetos e cotidianos de um movimento cristão na Universidade de Brasília: o NVC*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

SARAGOÇA, Y. C. B. *Evangelizando homens de negócios: o pentecostalismo e o empresariado*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

SILVA, G. R. *Universitários e religião: uma revisão bibliográfica*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

SILVA, V. G. Religião e identidade cultural negra: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. *Afro-Ásia*, n. 56, p. 83-128, 2017.

WEBER, M. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.